

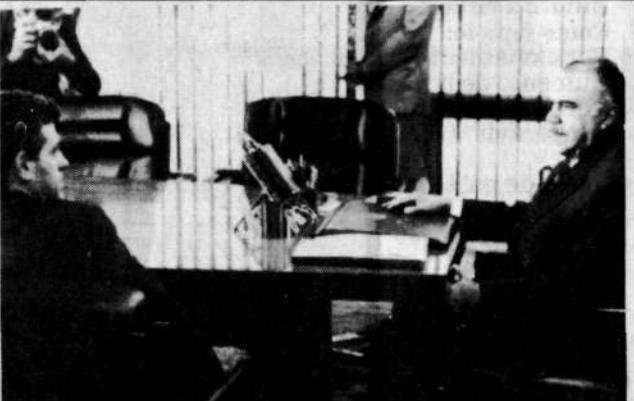
POLÍTICA

O duro recado de Sarney aos políticos

O presidente quer saber com quem pode realmente contar nas horas difíceis. Quem não ajudar o governo não será ajudado.



Sarney, aborrecido com os "dissidentes", deu...



...duras orientações ao líder Pimenta da Veiga.



Os advogados de Dickson Grael: representação...



... indeferida pelo parecer do relator Seixas.

O presidente José Sarney quer saber, efetivamente, quem está com ele em momentos decisivos para evitar desgastes na Aliança Democrática, e sua reação será na mesma intensidade da solidariedade de que lhe for conferida. Ou seja, o governo ficará à vontade para ajudar apenas os parlamentares que defenderem seus interesses no Congresso Nacional.

Esta foi a principal orientação do presidente Sarney durante a reunião de ontem no Conselho Político do Governo, e transmitida pelo líder do PMDB na Câmara, Pimenta da Veiga, com endereço certo: os deputados que na semana passada, durante a votação da emenda da Constituinte, romperam com o acordo feito pela Aliança para negociar uma anistia aos militares cassados pela revolução de 1964. Pimenta da Veiga deixou o gabinete do presidente Sarney repetindo que o PMDB passa, no momento, por uma crise de identidade que precisa ser superada imediatamente. Sarney não está disposto, segundo ele, a tolerar dois discursos, numa alusão direta aos deputados que defenderam sua rebeldia invocando os princípios históricos do PMDB, que tem como premissa básica a anista ampla geral e irrestrita também aos militares.

"Existem os políticos que vêm mantendo uma conduta de solidariedade ao governo, e outros que preferem ficar com dois discursos: o de oposição quando é conveniente e o de governo quando é confortável", denunciou o líder, acrescentando que o governo se reserva também o direito de atendê-los "quando for conveniente". Apesar da dureza do recado, Pimenta não

quis admitir a existência de uma "lista negra", qualificando também de "grosseiro" o temor de que daqui para frente o diálogo governo-Congresso será na base do "olho por olho".

Ele não interpreta a orientação do presidente como uma despedida aos descontentes, e anunciou a intenção de procurar, ainda esta semana, os deputados e vice-líderes do PMDB que votaram na subemenda de Jorge Uequed (PMDB-RS), que previa uma anistia ampla aos militares cassados. "Numa primeira análise, observamos as mais variadas motivações, mas cada caso é um caso. Precisamos compor com todos os parlamentares que integram os partidos de sustentação política do governo, no entanto é preciso que haja essa consciência", disse, não excluindo os partidos que não fazem parte da Aliança Democrática. "O governo não sonegará solidariedade a qualquer deputado que queira apoiá-lo."

O senador Carlos Chiarelli (PFL-RS) também participou da reunião do Conselho Político e deixou registrada a mesma impressão junto ao presidente Sarney: "Os que têm funções de governo, ocupam espaço político no governo e são governo também devem sê-lo numa hora de votação decisiva". O senador acha que o recado vale para toda a Aliança Democrática, embora trace um quadro bem menos crítico internamente dentro do Partido da Frente Liberal (PFL). A recente insatisfação de parte da bancada do PMDB, na sua opinião, "foi um sinal de alerta", e não propriamente um abalo na Aliança. "Haveremos de voltar com o mesmo empenho mas seguramente

com mais unidade e coesão", acrescentou, referindo-se ao segundo turno da votação da emenda da Constituinte, previsto para após as eleições municipais de 15 de novembro próximo.

Mobilização

De acordo com Pimenta da Veiga, as recentes fissuras no PMDB acabaram retardando uma definição do calendário de votação de matérias importantes, como a Constituinte e a Reforma Tributária. O dia 16 de novembro, contudo, será marco para reiniciar os esforços de votação do segundo turno da emenda de convocação da Assembleia Nacional Constituinte, esperando-se que nessa semana mesmo a matéria esteja na ordem do dia. Até lá ele acredita que a maior parte das dificuldades sejam superadas, sem necessidade de o governo instalar um novo canal de comunicação com o Congresso, idéia que chegou a ser cogitada antenitem pelo presidente Sarney, conforme revelou o deputado Francisco Pinto (PMDB-BA). Pimenta afirmou que o Palácio do Planalto já possui "vozes políticas" em número suficiente no Congresso e no Executivo, sendo o próprio presidente Sarney "a de mais alto tom" e bastante ouvida pelos parlamentares.

Pimenta e Chiarelli foram os porta-vozes do Conselho ao final da reunião que durou pouco mais de uma hora no gabinete do presidente. Participaram também o ministro do Gabinete Civil, José Hugo Castello Branco, o ministro da Justiça, Fernando Lyra, e os líderes Hélio Gueiros, do PMDB no Senado, e José Lourenço, do PFL na Câmara.

Bartolomeu Rodrigues

Apoio político e militar ao governo

Na reunião de ontem no Conselho Político, o presidente José Sarney pediu aos líderes da Aliança Democrática que ampliem a sustentação política do governo no Congresso para aprovar, em segundo turno, a convocação da Constituinte, ainda este ano. A informação é do líder do PFL na Câmara, José Lourenço. Segundo ele, Sarney não fez nenhuma cobrança ao líder do PMDB, Pimenta da Veiga, apesar de comentar que o desempenho do partido não foi o "desejável" na votação da anistia. Lourenço disse que a votação da Constituinte será entre os dias 18 e 19 de novembro.

O ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, afirmou ontem que o apoio das Forças Armadas ao presidente Sarney nunca esteve ameaçado, como se chegou a noticiar, na semana passada, quando parte do PMDB ignorou o acordo das lideranças do governo com os ministros militares para a rejeição da subemenda Uequed. Ele entende que Sarney tem mais respaldo nas Forças Armadas do que seus antecessores, "até por ser um presidente civil". Magalhães acredita que os problemas do PMDB são naturais. "Decorrentes da fase de transição".